ISSN: 2358-8829

Eles Não Estão em Segundo Plano: O Protagonismo Juvenil como Eixo Educativo no Clube de Desbravadores

Émilly Luize Nunes de Souza [1]
Itaynã da Silva Batista [2]
Maria Vitória Santiago [3]
Thuany Vitória da Silva Félix [4]

INTRODUÇÃO

Os estudos contemporâneos sobre a evolução da educação exigem a superação da visão reducionista que limita o ato educativo apenas aos espaços da escola tradicional. Embora a instituição escolar desempenhe um papel fundamental na democratização do acesso ao conhecimento científico sistematizado, a sociedade atual demanda competências socioemocionais, éticas e cidadãs que encontram solo fértil em espaços educativos não formais. A educação não formal compreende os processos formativos intencionais que ocorrem fora do espaço escolar como objetos de construção coletiva e aprendizagem mediada pela prática social e comunitária (GOHN, 2006).

Ao mesmo tempo, as teorias pedagógicas contemporâneas voltadas às metodologias ativas enfatizam a urgência de posicionar crianças e jovens no centro do processo formativo, conferindo-lhes voz, capacidade deliberativa e corresponsabilidade sobre o seu próprio desenvolvimento (MORAN, 2018). Não se trata de precarizar o papel do educador, mas de redirecionar a mediação pedagógica para que o educando deixe de ser mero espectador passivo e assuma o papel de sujeito ativo na transformação do seu meio social e coletivo.

[1] Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco - UFRPE, emilly.nunes@ufrpe.br;
[2] Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, itayna.batista@ufrpe.br;
[3] Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, mariavitoria.santiago@ufrpe.br;
[4] Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, thuany.felix@ufrpe.br;

ISSN: 2358-8829

Nesse contexto, o Clube de Desbravadores constitui um proficiente campo de análise. Trata-se de uma organização sociocultural e recreativa mundial, mantida pela Igreja Adventista do Sétimo Dia, voltada a atendimentos de crianças e adolescentes na faixa etária de 10 a 15 anos. Com amplo porte internacional (pois soma mais de 1,6 milhão de participantes globais e expressiva presença no estado de Pernambuco), a instituição desenvolve uma proposta pedagógica própria embasada no desenvolvimento triádico: físico, mental e espiritual.

A fundamentação para a realização deste estudo legitima-se na relevância pedagógica e social de se investigar como o trabalho educativo organizado em espaços não escolares pode oferecer subsídios práticos e teóricos para a emancipação juvenil. Procedido, também, pela necessidade de documentar e analisar criticamente as metodologias de engajamento participativo adotadas por organizações comunitárias locais, compreendendo suas contribuições e seus limites perante as demandas contemporâneas de inclusão e democratização. Diante desse cenário, o presente artigo tem como objetivo compreender de que maneira o protagonismo juvenil se configura como eixo educativo estruturante nas práticas socioeducativas do Clube de Desbravadores.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo-exploratório e participante, desenvolvida no âmbito da disciplina Prática Educacional: Pesquisa e Extensão em Espaços Não Formais do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco. A opção pela abordagem descrita sustenta-se na sua capacidade de compreender a complexidade dos fenômenos sociais, os significados atribuídos pelos sujeitos às suas vivências e a dinâmica das relações interpessoais no espaço comunitário.

O campo de investigação empírica envolveu a observação direta e participante das atividades desenvolvidas pelo Clube de Desbravadores em municípios do interior do estado de Pernambuco. A delimitação geográfica e a inserção no território da Zona da Mata permitiram compreender as especificidades socioecológicas e culturais da comunidade atendida pelo clube.

ISSN: 2358-8829



Figura 1 – Localização Geográfica do Campo de Estudo: Vitória de Santo Antão - PE

Fonte: Adaptado pelas autoras com base em dados geoespaciais (2026).

A coleta de dados empíricos ocorreu durante a disciplina cursada e articulou três técnicas fundamentais:

- Observação Participante Sistemática: Registrada em Diários de Pesquisa e Campo durante reuniões ordinárias de final de semana, cerimônias oficiais, sessões de instrução técnica e acampamentos promovidos pelo clube. As observações focaram na organização dos pequenos grupos (unidades), na relação de poder entre diretoria adulta e jovens, e na inclusão de participantes;
- Entrevistas Semiestruturadas: Realizadas por meio de roteiros aplicados presencialmente, via videoconferência e via plataforma WhatsApp. Foram entrevistados 4 dirigentes adultos (diretores e instrutores) e 6 integrantes juvenis (capitães de unidade e membros com idades entre 11 e 15 anos);
- Pesquisa Documental: Análise minuciosa dos documentos norteadores da instituição, incluindo o Manual Administrativo do Clube de Desbravadores, o Sistema de Classes Progressivas e os cadernos de Especialidades.

Para o tratamento dos dados, utilizou-se a Análise de Conteúdo de cunho categorial. Os achados de campo foram transcritos, codificados e agrupados em eixos temáticos que foram posteriormente confrontados com os referenciais teóricos sobre educação não formal e metodologias ativas.

REFERENCIAL TEÓRICO

O embasamento teórico desta pesquisa fundamenta-se na interseção entre os estudos sociológicos da educação não formal desenvolvidos por Maria da Glória Gohn e

as concepções pedagógicas de metodologias ativas e protagonismo discente elaboradas por José Moran.

A caracterização do campo exige compreender a diferenciação entre as três esferas educativas. Segundo Gohn (2006, 2014), enquanto a educação formal se estrutura no ambiente escolar sob rígidas diretrizes curriculares e certificação oficial, e a educação informal ocorre de modo difuso no cotidiano familiar e comunitário, a **educação não formal** caracteriza-se por sua intencionalidade formativa flexível, desenvolvida em ambientes comunitários e associativos.

Gohn (2006) acentua que a educação não formal não concorre com a escola, mas complementa a formação do sujeito ao focar na construção de valores públicos, no fortalecimento da cidadania, na cooperação interpessoal e na construção de um sentimento profundo de pertença social. O espaço não formal atua como um território em que a aprendizagem ocorre pela vivência compartilhada de saberes práticos e pela solidariedade comunitária.

> A educação não-formal abrange processos de aprendizagem compartilhados em espaços coletivos, onde se constroem saberes emancipatórios, valores éticos e identidades socioculturais. O foco reside no desenvolvimento da subjetividade e da capacidade dos sujeitos de agirem ativamente em suas comunidades (GOHN, 2014, p. 39).

Por sua vez, ao discutir a inovação nos processos de ensino e aprendizagem, Moran (2018) enfatiza que o conhecimento consolidado exige a superação da transmissão passiva de conteúdos. As chamadas metodologias ativas colocam os estudantes/jovens no centro das ações pedagógicas, estimulando a autonomia, o pensamento crítico e o trabalho em equipe através do "aprender fazendo" (*learning by doing*).

Para Moran (2018), o protagonismo juvenil deixa de ser apenas uma intenção teórica e passa a ser o eixo metodológico condutor quando os jovens são desafiados a planejar, tomar decisões, mediar conflitos e avaliar suas próprias realizações. No âmbito não formal, essa abordagem adquire especial relevância, pois o engajamento dos participantes depende diretamente do grau de relevância e agência que lhes é concedido nas atividades diárias.

ISSN: 2358-8829

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise pedagógica dos dados empíricos recolhidos no Clube de Desbravadores Gideões possibilitou categorizar os achados em dois blocos centrais: as potencialidades emancipatórias do método dos desbravadores e as contradições estruturais observadas no cotidiano da gestão do clube.

O primeiro achado expressivo refere-se à organização estrutural do clube em pequenas "unidades" (subgrupos compostos por 6 a 8 integrantes da mesma faixa etária e sexo). Cada unidade é coordenada por um Capitão de Unidade (um próprio jovem eleito ou indicado entre os seus pares), sob a supervisão indireta de um conselheiro adulto. Essa estrutura materializa com precisão os preceitos de Moran (2018) referentes à aprendizagem por pares (*peer learning*).

Tabela 1 – Síntese da Matriz de Ações e Impactos Socioeducativos no Clube de Desbravadores

Dimensão Analisada	Práticas Observadas em Campo	Impacto Formativo
Liderança Compartilhada	Gestão de unidades por capitães jovens; condução de civismo e ordens unidas por juvenis.	Desenvolvimento de responsabilidade, oratória e liderança ativa (MORAN, 2018).
Aprendizagem Prática	Especialidades de nós, primeiros socorros, acampamentos e civismo comunitário.	Construção de autonomia individual e resolução cooperativa de problemas.
Identidade e Pertencimento	Uso de uniformes, insígnias, cantares de unidade e rituais de investidura.	Fortalecimento do sentimento de pertença e cidadania (GOHN, 2006).
Tensionamentos de Gestão	Centralização de decisões organizacionais e financeiras na diretoria adulta.	Limitação da agência juvenil a tarefas operacionais pré-definidas.

Fonte: Dados da pesquisa de campo desenvolvida pelas autoras (2026).

Durante as observações notou-se cumprimento das exigências demandam trabalho em equipe rigoroso. Crianças e adolescentes exercitam a empatia, a negociação e a ajuda mútua. Essa narrativa confirma a premissa de Gohn (2014) sobre o aprendizado da solidariedade nos espaços não formais.

ISSN: 2358-8829

Entretanto, o aprofundamento das investigações e a análise crítica dos diários de campo desvelaram contradições estruturais que tensionam o discurso oficial do protagonismo juvenil. O gerenciamento dos jovens participantes revela-se, em diversos momentos, restrito à execução de tarefas operacionais pré-determinadas pelos adultos, configurando aquilo que a literatura conceitua como protagonismo tutelado ou ativismo reprodutor. A autonomia concedida ao jovem encontra limites claros na hierarquia eclesiástico-institucional que caracteriza a organização mantenedora do clube.

Outro ponto crítico identificado pela pesquisa reside na escassez de programas formais de qualificação pedagógica contínua para os líderes adultos. Os diretores e conselheiros atuam na condição de voluntários movidos por boa intenção e pertencimento religioso, contudo carecem de repertório didático-pedagógico sistematizado para lidar com os desafios contemporâneos da infância e da adolescência.

Essa carência formativa reflete-se com especial severidade no desafio da inclusão de participantes com deficiência e neurodivergências (como TEA e TDAH). As observações registraram que as adequações didáticas para esses membros ocorrem de maneira intuitiva, pontual e dependente da boa vontade individual dos monitores de unidade, evidenciando a ausência de políticas institucionais consolidadas de acessibilidade e acolhimento à diversidade pedagógica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação científica desenvolvida a partir da vivência na disciplina de Prática Educacional: Pesquisa e Extensão em Espaços Não Formais da UFRPE permitiu compreender a complexidade pedagógica e socioeducativa do Clube de Desbravadores em Pernambuco.

Conclui-se que o Clube de Desbravadores se consolida como um legítimo e profícuo espaço de educação não formal, dotado de elevado potencial formador. Suas práticas ancoradas na cooperação em pequenos grupos, no aprendizado prático ao ar livre e na assunção de papéis de liderança jovem por meio das unidades demonstram alinhamento efetivo com os princípios das metodologias ativas (MORAN, 2018) e com a construção de cidadania defendida por Gohn (2006).

Entretanto, a pesquisa desvelou que a materialização do protagonismo juvenil enfrenta lacunas significativas no cotidiano do clube. A centralização das decisões

relevantes no núcleo de diretores adultos, a escassez de qualificação pedagógica sistemática para os voluntários e a ausência de diretrizes estruturadas para a inclusão de jovens neurodivergentes revelam a distância existente entre o plano prescrito nos manuais e a práxis real.

Para superar essas fragilidades e garantir que o protagonismo juvenil seja efetivamente vivenciado por todos os integrantes e não se converta em mero ativismo executor, recomenda-se que a organização invista em: criação de conselhos jovens deliberativos com assento na diretoria do clube, parcerias com instituições de ensino superior para oferta de formação continuada em pedagogia e inclusão para os voluntários e a elaboração de diretrizes institucionais inclusivas para o acompanhamento pedagógico de crianças neurodivergentes.

Palavras-chave: Protagonismo juvenil; Educação não formal; Espaços educativos; Aprendizagem ativa; Formação integral.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal Rural de Pernambuco, em especial ao Prof. Dr. Diego da Costa Vitorino da disciplina de Prática Educacional: Pesquisa e Extensão em Espaços Não Formais, pelo apoio acadêmico e incentivo às pesquisas em territórios comunitários.

À diretoria, instrutores, conselheiros e juvenis do Clube de Desbravadores de Pernambuco e Nordeste, pela acolhida generosa, confiança e colaboração indispensáveis durante todas as etapas do trabalho de campo.

REFERÊNCIAS

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

GOHN, Maria da Glória. Educação não formal na pedagogia social. **Revista de Pedagogia Social**, Niterói, v. 1, n. 1, p. 1-14, 2011.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal: aprendizagens e saberes em processos participativos. **Investigar em Educação**, n. 1, p. 35-51, 2014.

MORAN, José. Mudando a educação com metodologias ativas. *In*: SOUZA, Carlos Alberto de; MORALES, Eniel do Espírito Santo (orgs.). **Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens**. Ponta Grossa: FEPG, 2015. v. II, p. 15-33.

MORAN, José. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. *In*: MORAN, José; BACICH, Lilian (orgs.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018. p. 1-25.